

BC avalia como pagar dívida

BRASÍLIA — O Banco Central, com base nas metas estabelecidas pelo Plano de Controle Macroeconômico, está levantando a capacidade do país de pagar sua dívida externa nos próximos anos. Com base nestas previsões, os negociadores da dívida irão apresentar aos credores um cardápio de opções para pagamento da dívida. A idéia é dar aos credores possibilidades de escolherem a forma mais adequada de receberem seus créditos, dentro das possibilidades de pagamento do país.

A informação foi dada ontem por funcionários do Banco Central envolvidos na negociação da dívida externa brasileira. Segundo estes funcionários, a equipe brasileira que irá a Washington negociar a dívida com os bancos credores não levará apenas uma proposta fechada. Isto não seria negociação, seria imposição, admite um outro funcionário do governo.

Tanto no Banco Central quanto no Ministério da Fazenda a impressão dos técnicos envolvidos na negociação é de que o governo brasileiro não vai sentar à mesa de negociações com uma posição inflexível. A negociação, admitem estes

técnicos, é sempre feita a partir de um patamar mínimo de concessões, que pode ser ampliado conforme forem se desenvolvendo as conversas.

Dentro desta flexibilidade, os técnicos do governo acham muito provável que o Brasil saia da negociação com um acordo prevendo pagamento de *spread* acima de zero. Ninguém está pensando que o ministro Bresser Pereira vai ficar pé com os credores para a obtenção de *spread* zero, admite um importante funcionário do governo intimamente ligado na questão de negociação da dívida.

A técnica de negociação, ensina este funcionário do governo, é assim: os devedores sugerem o mínimo e os credores o máximo, até que se chegue a um acordo razoável para as duas partes. Dentro desta premissa, o governo brasileiro já está esperando um endurecimento da posição dos bancos credores a partir de agora, quando se aproxima a data do início das negociações. Os primeiros sinais desta postura começam a ser sentidos através das declarações de dirigentes de bancos americanos, ameaçando reduzir as linhas de crédito no curto prazo para o Brasil.